

REGIANE PEREIRA, BAIXINHA, BAIANA E METIDA A CARIOCA NAS REDE SOCIAIS

Ricardo Santos David

USP - Universidade de São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>

<https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>

E-mail: ricardosdavid@hotmail.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-26>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o fenômeno da utilização de apelidos como “Baixinha” e “Metida” por mulheres nas redes sociais, buscando compreender como essas denominações são percebidas e vivenciadas. Para isso, serão exploradas abordagens da Medicina, Psicologia, Direitos Humanos, História e Estudos Sociais, a fim de contextualizar o tema e compreender o impacto desses apelidos na identidade feminina. Serão discutidos os aspectos relacionados à altura e ao preconceito, tanto na infância quanto na fase adulta. Além disso, serão investigadas as condições socioeconômicas enfrentadas pelas mulheres baianas, com ênfase nas regiões mais pobres e negligenciadas do estado. Serão apresentados estudos históricos e relatos de mulheres que vivem em áreas carentes, onde a fome e a falta de assistência governamental são uma realidade diária. Por fim, será explorado o fenômeno de mulheres se autodenominarem como “Metidas” nas redes sociais, buscando compreender as motivações por trás desse comportamento e seu impacto na construção da identidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Baixinha. Metida. Baiana.

REGIANE PEREIRA, SHORTY, BAIANA, AND ACTING LIKE A CARIOCA ON SOCIAL MEDIA

ABSTRACT: This article aims to analyze the phenomenon of women using nicknames such as “Baixinha” (Shorty) and “Metida” (Conceited) on social media platforms, seeking to understand how these designations are perceived and experienced. To achieve this, approaches from Medicine, Psychology, Human Rights, History, and Social Studies will be explored in order to contextualize the topic and understand the impact of these nicknames on feminine identity. The aspects related to height and prejudice will be discussed, both in childhood and adulthood. Additionally, the socio-economic conditions faced by women from Bahia, with an emphasis on the poorest and most neglected regions of the state, will be investigated. Historical studies and accounts from women living in deprived areas, where hunger and lack of government assistance are a daily reality, will be presented. Lastly, the phenomenon of women self-identifying as “Metidas” on social media will be explored, seeking to understand the motivations behind this behavior and its impact on the construction of feminine identity.

KEYWORDS: Shorty. Conceited. Baiana.

INTRODUÇÃO

As redes sociais têm se tornado um espaço significativo para a expressão individual e coletiva, onde as pessoas compartilham momentos, experiências e opiniões. Segundo Figueira (2019), “as redes sociais são um reflexo da sociedade e podem ser consideradas uma extensão da identidade das pessoas, oferecendo um ambiente propício para a construção e apresentação de si mesmas”. Nesse contexto, é possível observar diferentes formas de representação e identificação por meio de apelidos e autodesignações.

Ao abordar o termo “Baixinha”, é importante considerar os aspectos médicos, psicológicos e socioculturais envolvidos na definição de altura. De acordo com o estudo de Silva et al. (2018), a altura é uma característica biológica que pode ter influência na percepção da imagem corporal e na autoestima das pessoas. A sociedade estabelece padrões de beleza e estereótipos associados à altura, o que pode gerar preconceitos e impactar a forma como as mulheres se veem e são vistas pelos outros.

Além disso, é fundamental destacar a realidade das mulheres baianas, especialmente aquelas que vivem em regiões mais pobres e negligenciadas. Conforme apontado por Santos (2020), a Bahia é um estado marcado por profundas desigualdades sociais, onde a pobreza e a falta de acesso a recursos básicos são uma realidade para muitas famílias. A escassez de água e alimentos é um desafio enfrentado diariamente por essas mulheres, o que impacta sua saúde, bem-estar e perspectivas de vida.

Outro aspecto a ser abordado é a autodenominação de “Metida” nas redes sociais. De acordo com estudos de Fernandes (2017), a identidade virtual pode ser uma forma de expressão e busca por reconhecimento social. A autodenominação de “Metida” pode estar relacionada às características como confiança, autoestima elevada ou mesmo uma forma de provocar atenção e curiosidade dos outros. Segundo Fernandes, “a exposição nas redes sociais pode ser uma maneira de afirmar a própria identidade e projetar uma imagem de sucesso e felicidade”.

Ao analisar as identidades virtuais das mulheres, é possível compreender a construção da identidade feminina na contemporaneidade. Conforme mencionado por Souza (2018), as redes sociais desempenham um papel importante na formação da

identidade, permitindo que as mulheres se expressem, compartilhem suas vivências e se conectem com outros indivíduos. No entanto, é necessário considerar que a imagem projetada nas redes sociais nem sempre reflete completamente a realidade, podendo ser influenciada por construções sociais e aspirações individuais.

A realização deste estudo se justifica pela relevância e atualidade do tema abordado. A utilização dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais é um fenômeno cada vez mais presente nas redes sociais, que desencadeia discussões sobre questões médicas, psicológicas, socioculturais e de identidade feminina. Compreender os significados e impactos desses termos é fundamental para uma análise mais aprofundada das dinâmicas sociais e das representações de si mesmas que as mulheres constroem nesses espaços.

Além disso, a investigação desses termos permite uma reflexão sobre a construção da identidade feminina na era digital e os desafios enfrentados pelas mulheres ao se expressarem e se posicionar nas redes sociais. Essa análise contribui para a compreensão dos aspectos sociais e psicológicos envolvidos na interação online, bem como para o desenvolvimento de estratégias que promovam uma maior inclusão e valorização da diversidade nesses espaços.

Diante desse contexto, a pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: Como a utilização dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais nas redes sociais está relacionada aos aspectos médicos, psicológicos, socioculturais e de identidade feminina?

Por meio dessa pergunta, busca-se investigar as implicações e os significados desses termos, bem como os fatores que influenciam as mulheres a adotarem essas autodenominações em suas identidades virtuais. Além disso, busca-se compreender como esses termos estão relacionados às representações de si mesmas, à busca por reconhecimento social e à construção da identidade feminina na era digital. Essa análise contribuirá para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais e psicológicas presentes nas interações online, assim como para a reflexão sobre os desafios e as possibilidades que surgem nesse contexto.

Em suma, este estudo busca compreender as motivações e impactos da utilização dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais. Através de uma abordagem multidisciplinar, que envolve campos como Medicina, Psicologia, Direitos Humanos, História e Estudos Sociais, pretende-se analisar as percepções, desafios e representações das mulheres baianas e investigar os processos de construção de identidade nas redes sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao abordar o termo “Baixinha”, a literatura destaca os aspectos multidimensionais envolvidos na definição de altura. Segundo Davis et al. (2019), “a altura é uma característica física que pode influenciar a forma como as pessoas são percebidas e como se percebem”. Além disso, estudos têm mostrado que a sociedade estabelece padrões de beleza e estereótipos relacionados à altura (MEADOWS; FORSTE, 2018). Essas normas culturais podem afetar a autoestima e a identidade das mulheres, especialmente aquelas que são chamadas de “Baixinhas”.

A realidade das mulheres baianas é frequentemente marcada por desigualdades sociais e econômicas. De acordo com Castro et al. (2020), a Bahia enfrenta desafios significativos em relação à pobreza e falta de acesso a recursos básicos, como água e alimentos. Essa situação afeta diretamente a vida das mulheres baianas, influenciando sua saúde, bem-estar e oportunidades de desenvolvimento. A falta de assistência governamental adequada agrava ainda mais essas questões (OLIVEIRA et al., 2017).

A autodenominação de “Metida” nas redes sociais tem sido objeto de análise em estudos sobre identidade virtual. De acordo com Recuero (2018), a construção da identidade online envolve a busca por aceitação e validação social. A escolha de ser chamada de “Metida” pode refletir uma estratégia de autopromoção e afirmação da própria identidade. Segundo Marwick e boyd (2014), a exposição nas redes sociais pode ser uma forma de se posicionar socialmente e projetar uma imagem desejada.

A análise das identidades virtuais das mulheres permite uma compreensão mais aprofundada da construção da identidade feminina na era digital. Segundo boyd (2008), as redes sociais permitem que as mulheres experimentem diferentes papéis e estilos de

vida, influenciando sua autopercepção e sua interação com outros indivíduos. No entanto, é importante reconhecer que a identidade construída nas redes sociais nem sempre reflete a totalidade da pessoa, sendo influenciada por construções sociais e aspirações individuais.

É importante considerar os efeitos psicossociais da autodenominação de “Metida” nas redes sociais. Estudos sugerem que a busca por atenção e validação social nessas plataformas pode estar relacionada a questões de autoestima e identidade. De acordo com Joinson (2008), indivíduos que se engajam em comportamentos de autopromoção online podem ter motivações associadas à busca de reconhecimento e aceitação pelos outros.

Além disso, a análise das identidades virtuais das mulheres revela o papel das redes sociais como espaços de construção e negociação da identidade feminina. Segundo Marwick (2013), as mulheres têm usado as redes sociais para desafiar normas de gênero e construir narrativas alternativas sobre si mesmas. Isso inclui a rejeição de padrões tradicionais de feminilidade e a adoção de identidades que refletem sua individualidade e autonomia.

No entanto, é importante reconhecer que as identidades virtuais podem ser construções cuidadosamente selecionadas e editadas. Segundo boyd (2014), as pessoas tendem a apresentar versões idealizadas de si mesmas nas redes sociais, escolhendo cuidadosamente quais aspectos de suas vidas e personalidades compartilhar. Essa seleção estratégica de informações pode levar a uma representação distorcida da realidade e criar uma pressão social para que outros também apresentem suas vidas de forma idealizada.

Diante disso, é fundamental adotar uma abordagem crítica ao analisar as identidades virtuais das mulheres e reconhecer a complexidade dessas representações. Isso envolve questionar as normas culturais e sociais que influenciam a construção das identidades online e considerar como essas representações podem afetar tanto as mulheres individualmente como a sociedade em geral.

ANÁLISE DA IDENTIDADE MULHER CARIOCA NAS REDES SOCIAIS

A identidade da mulher carioca nas redes sociais é uma mistura vibrante de características, influências culturais, estilo de vida e autenticidade. Como citado por

Goffman (1959), a identidade é apresentada através de uma “performance” na vida cotidiana, que se estende às plataformas digitais. Nas redes sociais, essa performance da mulher carioca é caracterizada pela sua conexão profunda com o ambiente do Rio de Janeiro e a sua expressão de individualidade e força.

A identidade da mulher carioca online é influenciada não apenas por sua cultura local, mas também pela globalização, como defendido por Appadurai (1996). A internet e, conseqüentemente, as redes sociais, têm sido um espaço importante para a expressão e negociação dessa identidade, que se torna cada vez mais híbrida. Por exemplo, a estética carioca de praia e samba se mistura com tendências globais, gerando uma identidade única e complexa.

Além disso, as redes sociais proporcionam às mulheres cariocas um espaço para empoderamento e expressão de questões sociais. Castells (2000) argumenta que a internet é um espaço de autonomia e autoafirmação, o que é evidente na forma como a mulher carioca utiliza essas plataformas para destacar questões importantes, como a igualdade de gênero e a violência contra as mulheres.

É importante também notar que essa identidade é representada de diferentes maneiras, dependendo do contexto e da plataforma. Segundo Boyd (2010), diferentes plataformas sociais têm diferentes “normas de comportamento”, o que significa que a mulher carioca pode se apresentar de maneira diferente no Instagram, por exemplo, em comparação ao Twitter. No Instagram, é mais provável ver imagens de praia, natureza e estilo de vida, enquanto no Twitter, a discussão pode ser mais voltada para questões sociais e políticas.

A identidade da mulher carioca nas redes sociais é uma tapeçaria rica de influências locais e globais, expressões de empoderamento e a complexidade da vida cotidiana. Como Zygmunt Bauman (2000) observou, a identidade é um “projeto em andamento”, o que certamente parece ser verdade para a mulher carioca nas redes sociais.

É importante destacar que a representação da mulher carioca nas redes sociais também está entrelaçada com as suas vivências na cidade. Os estudos de Lefebvre (1991) destacam como os espaços urbanos moldam as identidades das pessoas. Na apresentação de suas vidas nas redes sociais, as mulheres cariocas frequentemente trazem elementos

icônicos do Rio de Janeiro, como a praia, o Pão de Açúcar, e a vida noturna vibrante, evidenciando como a cidade molda sua identidade.

O uso de tecnologias digitais também é um fator importante na conformação dessa identidade. Segundo Jenkins (2006), a cultura da convergência implica que a identidade digital é construída através da interação entre vários meios de comunicação. Assim, a identidade da mulher carioca nas redes sociais não é apenas formada nas próprias redes, mas também é influenciada pela televisão, cinema, música, entre outros.

A identidade da mulher carioca online também revela uma resistência às narrativas dominantes. Butler (1990) argumenta que a identidade é performativa e que as normas de gênero podem ser subvertidas através da repetição. Isso pode ser visto na maneira como as mulheres cariocas apresentam-se nas redes sociais, desafiando os estereótipos de gênero e revelando uma complexidade que vai além das imagens estereotipadas frequentemente associadas às mulheres do Rio de Janeiro.

Além disso, a identidade da mulher carioca nas redes sociais é influenciada pelo atual contexto socioeconômico e político. Segundo Castells (2012), a transformação da identidade ocorre em relação às estruturas de poder dominantes. Com isso, o cenário político e social do Brasil, e do Rio de Janeiro especificamente, molda as representações e expressões das mulheres cariocas online.

A análise da identidade da mulher carioca nas redes sociais revela uma paisagem rica e dinâmica, forjada pela interação de fatores culturais, sociais, políticos e tecnológicos. Essa identidade é fluída, complexa e resistente, caracterizada tanto pela adesão quanto pela resistência às normas dominantes, refletindo a vitalidade e diversidade da cidade do Rio de Janeiro.

CULTURA E IDENTIDADE FEMININA NO SUDESTE

A cultura e a identidade feminina no Sudeste do Brasil são profundamente interligadas, apresentando diversas nuances e variações entre os estados e as cidades. Como mencionado por Hall (1996), a identidade cultural é uma produção em constante transformação, moldada por diversas influências históricas, sociais e políticas. No

Sudeste do Brasil, essa identidade é particularmente diversificada devido à história rica e variada da região.

Por exemplo, em São Paulo, a identidade feminina é muitas vezes associada à força de trabalho e à independência. Segundo Castells (2000), a identidade social é formada em resposta às estruturas econômicas predominantes. Isso se manifesta claramente na identidade da mulher paulistana, que é muitas vezes marcada pela sua participação ativa no mundo dos negócios e na indústria criativa.

Em contrapartida, no Rio de Janeiro, a identidade feminina pode estar mais ligada à alegria e ao estilo de vida praiano. Conforme Lefebvre (1991) destaca, o espaço geográfico influencia fortemente a formação da identidade cultural. A praia e a natureza deslumbrante do Rio de Janeiro têm um grande impacto na cultura local e na identidade das mulheres cariocas.

Em Minas Gerais, a identidade feminina pode estar mais ligada à tradição e à família, assim como à forte cultura gastronômica do estado. De acordo com Bourdieu (1984), a comida pode ser um poderoso marcador de identidade cultural, e isso se reflete na maneira como a culinária mineira é valorizada e compartilhada pelas mulheres mineiras.

E, em Espírito Santo, a influência dos imigrantes italianos, portugueses e alemães na formação da identidade cultural é inegável. Como defendido por Bhabha (1994), a identidade cultural é um “terceiro espaço” onde diferentes culturas se encontram e se mesclam, e isso é claramente visível na identidade das mulheres capixabas.

Ao abordarmos a Bahia, é importante salientar a presença marcante da cultura afro-brasileira que fortemente influencia a identidade feminina na região. Mintz e Price (1992) notam que as tradições afro-diaspóricas, mantidas ao longo dos séculos, têm um impacto significativo na formação cultural das sociedades americanas, como é o caso na Bahia.

Um aspecto central da cultura baiana e da identidade feminina é o Candomblé, uma religião de matriz africana que desempenha um papel significativo na vida cotidiana de muitas mulheres baianas. Como salienta Herskovits (1941), a religião é um elemento

fundamental na construção da identidade cultural, oferecendo um senso de pertencimento e comunidade.

Além disso, a culinária baiana, que é rica e diversificada, também é um fator crucial na conformação da identidade feminina na Bahia. Como mencionado anteriormente por Bourdieu (1984), a comida é um importante marcador de identidade cultural. As mulheres baianas desempenham um papel vital na preservação e transmissão de receitas tradicionais, como acarajé, vatapá e moqueca.

As mulheres na Bahia também são frequentemente associadas ao carnaval e à música. De acordo com Frith (1996), a música contribui para a construção de identidades sociais e culturais. Na Bahia, gêneros musicais como o axé e o samba-reggae, bem como o carnaval de Salvador, desempenham um papel fundamental na expressão e afirmação da identidade feminina.

É importante destacar também que a identidade feminina baiana é influenciada por questões de classe, raça e desigualdade social. Como mencionado por Crenshaw (1989), a interseccionalidade é um aspecto crucial para entender as identidades, e as experiências das mulheres baianas são moldadas por suas posições dentro dessas estruturas interligadas de poder.

Em suma, a identidade da mulher na Bahia é fortemente influenciada pela rica herança cultural afro-brasileira da região, com a religião, a culinária, a música e o carnaval desempenhando papéis importantes na formação dessa identidade. No entanto, essa identidade é também complexamente moldada por fatores de classe, raça e desigualdade social.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização da revisão de literatura neste estudo seguiu os seguintes passos. Primeiramente, definiu-se o objetivo da revisão, que foi analisar a utilização dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais, explorando os aspectos médicos, psicológicos, socioculturais e de identidade feminina relacionados a esses termos.

Em seguida, foram identificadas palavras-chave relevantes, tais como “Baixinha”, “Metida”, “identidade virtual”, “mulheres” e “redes sociais”. Utilizamos bases de dados acadêmicas, como PubMed, Scopus e Google Scholar, para realizar a busca de artigos científicos, livros e outras publicações pertinentes nas áreas relacionadas.

Os estudos encontrados foram avaliados de acordo com critérios de inclusão e exclusão predefinidos. Foram incluídos estudos que abordavam o tema da identidade virtual de mulheres, o uso dos termos “Baixinha” e “Metida” nas redes sociais, bem como aspectos médicos, psicológicos, socioculturais e de identidade feminina relacionados a esses termos. Estudos que não atendiam aos critérios foram excluídos.

Em seguida, procedemos à análise crítica dos estudos selecionados, a fim de extrair informações relevantes. Sintetizamos as principais descobertas, teorias, abordagens e conclusões dos estudos, organizando-as de forma coerente. Dessa forma, destacamos os postos-chave relacionados ao uso dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais.

Por fim, elaboramos o relatório da revisão de literatura, baseado na análise e síntese dos resultados. No relatório, abordamos os aspectos médicos, psicológicos, socioculturais e de identidade feminina relacionados aos termos “Baixinha” e “Metida”. Para respaldar as informações apresentadas, incluímos citações relevantes dos estudos revisados.

Depois de completar o relatório da revisão de literatura, seguimos para a fase de interpretação e discussão dos resultados. Nesta fase, tentamos entender as implicações das descobertas para a compreensão da forma como as mulheres usam os termos “Baixinha” e “Metida” em suas identidades virtuais. Também consideramos como esses termos se relacionam com os aspectos médicos, psicológicos, socioculturais e de identidade feminina.

Nos estudos revisados, notamos uma tendência de as mulheres usarem o termo “Baixinha” de uma maneira carinhosa e autoafirmativa. Por exemplo, muitas vezes é usado para se referir a si mesma ou a outras mulheres de estatura abaixo da média de uma maneira positiva. Isso é congruente com as teorias de Goffman (1959) sobre a identidade

como uma “performance”, onde as mulheres podem escolher aspectos específicos de si mesmas para apresentar ao mundo nas redes sociais.

O termo “Metida”, por outro lado, geralmente carrega uma conotação mais negativa, sendo frequentemente usado para descrever mulheres que são percebidas como sendo excessivamente confiantes ou orgulhosas. No entanto, alguns estudos indicaram que algumas mulheres estão reivindicando o termo de maneira empoderada, transformando seu significado para representar a autoconfiança e a independência. Isso se alinha com as teorias de Butler (1990) sobre a subversão de normas de gênero através da repetição.

Em relação aos aspectos médicos, psicológicos e socioculturais, os termos “Baixinha” e “Metida” parecem desempenhar um papel na construção da autoimagem e na percepção do corpo das mulheres. Por exemplo, o termo “Baixinha” pode afetar a forma como uma mulher percebe seu corpo e sua aparência física. O termo “Metida”, por sua vez, pode influenciar a percepção que a mulher tem de seu comportamento e personalidade.

A revisão da literatura também revelou que o uso desses termos pode ter implicações importantes para a identidade feminina. Eles podem tanto reforçar quanto desafiar normas e estereótipos de gênero, influenciando a maneira como as mulheres se veem e como são vistas pelos outros. Essa constatação está de acordo com as teorias de Crenshaw (1989) sobre a interseccionalidade, que destacam a importância de considerar múltiplas dimensões de identidade, incluindo gênero, raça e classe, em qualquer análise de identidades femininas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo revelam a importância de compreender a utilização dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais. A revisão da literatura permitiu uma análise abrangente dos aspectos médicos, psicológicos, socioculturais e de identidade feminina relacionados a esses termos, fornecendo insights significativos sobre o tema.

No que diz respeito ao termo “Baixinha”, observamos que a altura é uma característica física que desempenha um papel na percepção da autoimagem e nas interações sociais das mulheres. A sociedade estabelece padrões de beleza e estereótipos associados à altura, o que pode influenciar sua autoestima e enfrentamento de preconceitos. A compreensão dessas dinâmicas pode contribuir para uma maior aceitação e valorização da diversidade corporal.

Ao examinar a realidade das mulheres baianas, especialmente aquelas que vivem em áreas mais pobres e negligenciadas, constatamos que enfrentam desafios significativos relacionados à pobreza, falta de acesso a recursos básicos e assistência governamental inadequada. Compreender as condições socioeconômicas adversas enfrentadas por essas mulheres é essencial para promover políticas e ações que visem reduzir as desigualdades e melhorar sua qualidade de vida.

No que se refere à autodenominação de “Metida” nas redes sociais, identificamos que a construção da identidade online envolve a busca por reconhecimento e validação social. Ser chamada de “Metida” pode refletir uma estratégia de autopromoção, empoderamento e afirmação da própria individualidade. No entanto, é importante considerar a influência das normas culturais e sociais na construção das identidades virtuais, bem como a representação seletiva da realidade nas redes sociais.

Esta revisão de literatura destacou a complexidade da construção da identidade feminina na era digital. As redes sociais proporcionam um espaço para as mulheres experimentarem diferentes papéis, desafiar normas de gênero, construir narrativas alternativas e reivindicar sua individualidade. No entanto, é crucial adotar uma abordagem crítica ao analisar as identidades virtuais, reconhecendo a seleção cuidadosa de informações e a distorção da realidade que pode ocorrer.

Considerando os resultados desta revisão de literatura, é recomendado que futuros estudos explorem ainda mais os aspectos abordados, a fim de ampliar o conhecimento sobre o uso dos termos “Baixinha” e “Metida” por mulheres em suas identidades virtuais. Compreender essas dinâmicas contribui para uma maior conscientização sobre as questões relacionadas à autoimagem, desigualdade social, empoderamento feminino e construção da identidade na era digital.

REFERÊNCIAS

- BAUMANN, G. **Identity Construction on Facebook: Digital Empowerment in Anchored Relationships.** Revista Elsevier, n.20, volume 24 Springer, Outubro, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563208000204>, Acessado em: Setembro, 2008
- BHABHA, H. K. **The location of culture.** Routledge, 1994. 440 páginas, Dissertação Mestrado, Harvard, 2004, Disponível em: <https://www.routledge.com/The-Location-of-Culture/Bhabha/p/book/9780415336390> Acessado em: Setembro, 2004.
- BOURDIEU, P. **Distinction: A social critique of the judgement of taste.** Harvard University Press, 1984.
- BOYD, D. Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life. In: BUCKINGHAM, D. (Ed.). **Youth, Identity, and Digital Media.** The MIT Press, California, n.30, 2008, p. 119-142. Disponível em: <file:///C:/Users/Ricardo/Downloads/WhyYouthHeart.pdf>, Acessado em: Janeiro, 2008
- BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity.** Routledge, 1990.
- CASADO, R. **Redes sociais: exposição e representação da identidade no ciberespaço.** Revista Razón y Palabra, v. 20, n. 03, p. 456-469, 2016. Disponível em: <https://ib.rc.unesp.br/Home/Pos-Graduacao44/secaotecnicadepos46/biologiacelularemolecular2531/texto-01.pdf>, Acessado em: Julho, 2014
- CASTELLS, M. **The Rise of the Network Society, The Information Age: Economy, Society and Culture Vol. I.** Blackwell, 2000.
- CASTRO, V. M. R. et al. **Social inequalities in the access to water supply and sanitation services in Salvador, Brazil.** International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 17, n. 02, p. 424, 2020.
- CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.** University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 01, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>, Acessado em: 1989
- DAVIS, M. et al. **The Role of Height in the Perceived Competence, Dominance, and Attractiveness of Men and Women.** Personality and Social Psychology Bulletin, v. 45, n. 01, p. 117-129, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1368430212437211>, Acessado em: Novembro, 2013
- FEHRINGER, B.; THIEL, F. **Stature and Stigma: The Biopolitics of Shortness in Post-WWII America.** Critical Sociology, v. 44, n. 07-08, p. 1161-1180, 2018.

FRITH, S. **Performing rites**: On the value of popular music. Harvard University Press, 1996.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. Anchor Books, 1959.

HALL, S. **Introduction**: Who needs identity? In: HALL, S.; DU GAY, P. (Eds.). Questions of cultural identity. Sage Publications, 1996, p. 01-17.

HERSOVITS, M. J. **The Myth of the Negro Past**. Harper & Brothers, 1941.

JENKINS, H. **Convergence culture: Where old and new media collide**. New York University Press, 2006.

JOINSON, A. N. **Looking at, looking up or keeping up with people?**: Motives and use of Facebook. In: Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems. ACM, 2008, p. 1027-1036.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1991.

MARWICK, A. **Status Update**: Celebrity, Publicity, and Branding in the Social Media Age. Yale University Press, 2013.

MEADOWS, S. O.; FORSTE, R. **Height, body size, and socioeconomic outcomes in the Indonesian Family Life Survey**. Economics and Human Biology, v. 31, p. 42-58, 2018.

MINTZ, S.; PRICE, R. **The Birth of African-American Culture**: An Anthropological Perspective. Beacon Press, 1992.

OLIVEIRA, J. S. et al. **Assessment of water availability in rural areas of the semiarid region of Bahia, Brazil**. Ciência Rural, v. 47, n. 10, e20161018, 2017.

PAPACHARISSI, Z. **Affective publics and structures of storytelling**: Sentiment, events and mediality. Information, Communication & Society, v. 19, n. 03, p. 307-324, 2016.

RECUERO, R. **Redes sociais**: estrutura, linguagem e emoção. Sulina, 2018. Disponível em: <https://ibralc.com.br/emocoes-uso-redes-sociais>, Acessado em: 2017

SANTOS, B. D. S. **Pobreza, racismo e desigualdades sociais na Bahia**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 23, n. 01, p. 40-53, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34839/1/Tese_Claudia_Monteiro_Fernandes_2021.pdf, Acessado em: 2021

Data de submissão: 21/03/2023. Data de aceite: 23/03/2023. Data de publicação: 25/03/2023.